



## Dinâmicas espaciais recentes do setor bancário em Campos dos Goytacazes

S.H.F. Santos<sup>1\*</sup>; L.B. Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense; <sup>2</sup>Universidade Federal Fluminense

\*sfaria@id.uff.br

### Resumo

O período mais recente da nossa sociedade é marcado por diversas transformações, principalmente após avanços nas tecnologias da informação. Com esses avanços, o setor bancário também pode se alterar e expandir pelo território, com novas formas de atuação, tais como caixas eletrônicos, agências menores, correspondentes bancários e internet/mobile banking. Ao analisarmos os fenômenos em múltiplas escalas, notamos que, a partir de 2010, o setor bancário é marcado pelo aumento exponencial das transações não-presenciais (internet/mobile banking) que ultrapassam as transações presenciais e pelo encolhimento das agências, correspondentes e caixas eletrônicos no cenário nacional e também em Campos dos Goytacazes. Os objetivos deste trabalho são evidenciar como os bancos se especializam nas áreas centrais da cidade de Campos dos Goytacazes e também verificar em que grau as pessoas que utilizam as agências são ou não digitalizadas no que diz respeito às transações por internet, por meio de respostas obtidas via questionários.

**Palavras-chave:** Setor bancário, Redes, Internet/Mobile Banking.

### 1. Introdução

Ao longo da história, as sociedades passam por grandes transformações no que diz respeito a como o sistema capitalista se organiza e se dá sobre o território. A partir dos anos 1970, com a passagem de um capitalismo fordista para um capitalismo marcado por uma grande flexibilidade e pela compressão do espaço-tempo<sup>[1]</sup>, assistimos a uma aceleração do capitalismo, possibilitando que, através dos avanços técnicos das redes (de transporte, informação, etc.), entremos em um novo paradigma, como bem destacado por Castells, “porém, defendo que, de fato, só na década de 1970 as novas tecnologias da informação difundiram-se amplamente, acelerando seu desenvolvimento sinérgico e convergindo em um novo paradigma.”<sup>[2]</sup>

Os avanços das redes materiais e imateriais colocaram na ordem do dia a importância da compreensão do conceito de rede, pois a rede, ao mesmo tempo em que é a união entre pontos, seja pelo transporte, pela internet, telecomunicações, também é uma rede de poder e de hierarquias entre os locais, algo que pode ser constatado na análise das transformações no setor bancário. À proporção que bancos passam a se organizar em grandes redes, se especializando por todo o território nacional, ocorre a hierarquização com a instalação das sedes de gestão nas grandes metrópoles, provocando mudanças nos centros de Gestão do setor, com o deslocamento da antiga Capital do país (Rio de Janeiro) no início do século XX para a cidade de São Paulo<sup>[3]</sup>. Além disso, novas topologias sobre o território aumentam ainda mais a capilaridade dos bancos, especialmente com os caixas eletrônicos (Banco24h como conhecemos hoje) e correspondentes bancários (como as lotéricas, correspondentes em farmácias, padarias, mercados, etc), todos eles possibilitados pelos avanços técnicos de tecnologias da informação.

Milton Santos chama a atenção para o período que é marcado por ser técnico, científico e agora dotado de informação, denominando-o de meio técnico científico informacional.

É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É, também, a informatização, ou, antes, a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à

ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização<sup>[4]</sup>.

A partir do entendimento de que o território agora é técnico, científico e informacional, temos como objetivos entender a organização bancária em Campos dos Goytacazes e as práticas espaciais dos usuários dos serviços após os anos 2000, de modo a reunir elementos para verificar possíveis rebatimentos espaciais da digitalização e do encolhimento das agências já verificáveis na escala nacional. A pesquisa se justifica pela necessidade da compreensão dos fenômenos econômicos e sociais que são as atividades financeiras, especialmente as bancárias, que se instalam de maneira seletiva sobre o espaço urbano, criando e reforçando as desigualdades socioespaciais já existentes. No período recente é muito importante compreender as implicações de fenômenos mais gerais de digitalização do setor bancário sobre as formas espaciais das agências na cidade e sobre a maneira como os usuários utilizam as mesmas.

## **2. Materiais e Métodos**

### 2.1. Materiais

Levantamento Bibliográfico;  
Levantamento de dados secundários (Banco Central e Febraban);  
Observação de campo;  
Aplicação de Questionários;  
Sistematização e análise dos dados.

### 2.2. Metodologia

Foi feito primeiramente o levantamento bibliográfico para a melhor compreensão das mudanças do capitalismo ao longo do século XX, a instauração de um novo meio técnico, além de uma melhor compreensão do setor bancário. Através do levantamento de dados secundários foi possível analisar e constatar as transformações recentes do setor bancário com dados abertos, especialmente do Banco Central. Já através da observação de Campo, foi definida nossa amostra necessária para a aplicação de questionários, a fim de uma melhor compreensão da utilização dos serviços bancários em Campos dos Goytacazes. A partir disso foram realizados mapas, tabelas e gráficos para uma melhor visualização dos resultados.

## **3. Resultados e Discussão**

A partir das etapas metodológicas, conseguimos encontrar algumas respostas para nossas principais questões sobre o setor bancário. Analisando por décadas, a partir dos anos 1970, vemos: 7.861 (1970), 11.251 (1980), 14.392 (1990), 16.396(2000)<sup>[5]</sup>, 19.813 (2010) e 19.281 (2020)<sup>[6]</sup>. Interessante destacar que, entre 2010 e 2014, vimos o ponto máximo de 23.126 agências e, a partir desse momento, notamos a diminuição de agências.

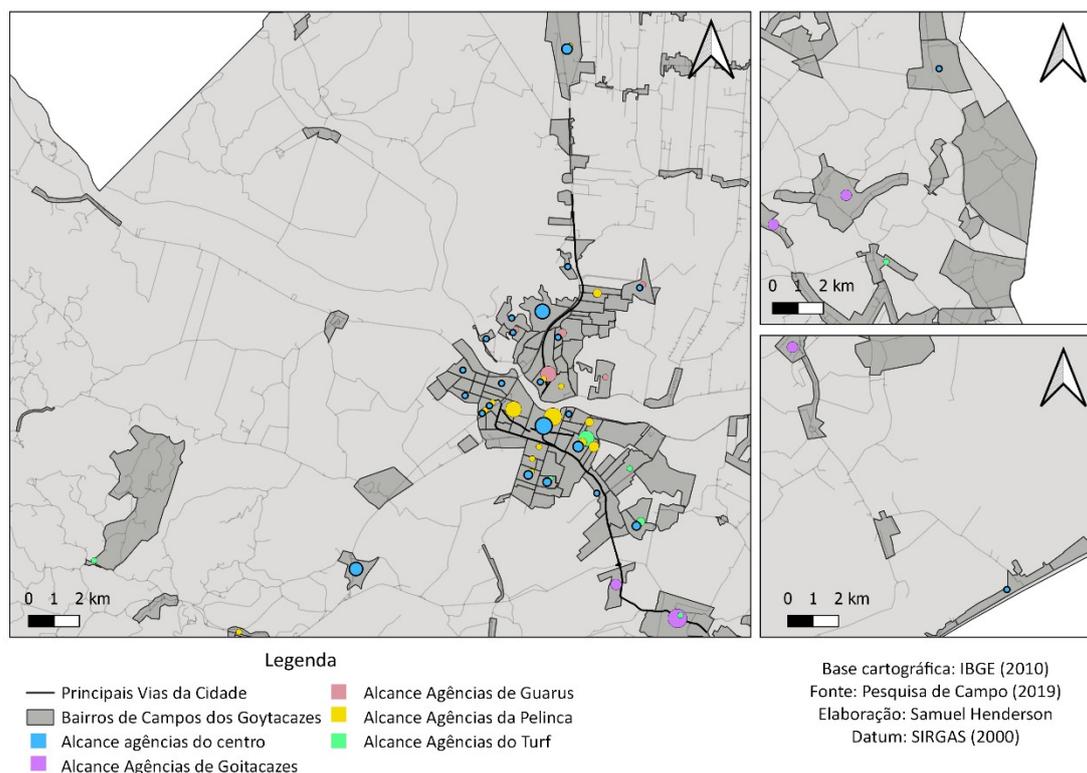
Em Campos dos Goytacazes, nosso recorte espacial, observamos um panorama de início de expansão para além do centro histórico, a partir dos anos 1990 (de agências que ainda estão em funcionamento), indo em direção a alguns bairros específicos (Pelinca, Jardim Carioca, Turf e Goitacazes). Através dos dados do Banco Central, podemos ver um cenário entre 2007 a 2020 que reflete bem o que ocorre de maneira geral na escala nacional. Em 2007 há 22 agências na cidade, atingindo seu ponto máximo em 2016 com 40 agências e, em 2020, temos apenas 32 agências, número próximo ao de 2011.

Através das pesquisas realizadas com os usuários dos serviços bancários (142 entrevistados no total), percebemos que as pessoas que utilizam o serviço bancário vão às agências para realizar operações básicas que não podem ser feitas por meio não-presencial, como saques e depósitos. A faixa de idade dos respondentes foi de 48 anos de idade, a faixa de renda entre 1

a 3 salários mínimos e o grau de escolaridade dividido entre 30% ensino médio completo, 30% ensino superior completo e o restante em outras respostas, tais como ensino superior incompleto, ensino fundamental completo etc.

Quanto à locomoção, vemos a importância das redes, nesse caso a de transportes, pois todas as agências estão próximas das principais vias da cidade. Mas, nas agências do Centro Histórico em especial, verificamos a maior presença de pessoas chegando de ônibus pela presença do terminal próximo ao centro, o que não é tão presente em outras agências. É no centro a maior diversidade de bairros, cerca de 35 localidades diferentes de origem dos usuários.

Algo que chama bastante atenção é que cada localidade apresenta características singulares. No Turf e no Jardim Carioca (Guarus), os usuários são em sua maioria do próprio bairro, o principal meio de locomoção é o veículo próprio, porém as pessoas não costumam consumir nas proximidades. Diferentemente do Centro Histórico, Pelinca e Goitacazes. Na Pelinca vemos a presença de agências segmentadas para alta renda (Santander Select e Itaú Personalité) e grande maioria dos respondentes são oriundos do Centro e da Pelinca. Já Goitacazes atende grande parte das proximidades e, assim como o centro de Campos, desempenha um papel de área de concentração de comércio e de serviços. A figura 1 permite notar o alcance das agências.



**Figura 1.** Alcance das agências bancárias em Campos dos Goytacazes.

Com relação à utilização dos aplicativos dos bancos, podemos dizer que não é unânime ou universal, pois, através dos questionários, chegamos a resultados de que 47% das pessoas não conhecem ou não utilizam o internet banking e que a utilização ou não do serviço está ligado a alguns fatores, como idade, escolaridade e renda.

#### 4. Conclusões

O que podemos concluir é que realmente estamos passando por uma nova configuração do setor bancário, que é marcada pelo encolhimento das agências, a instalação das mesmas em

localidades que são um misto entre atendimento de uma demanda local de bairro e a instalação próxima às principais vias de circulação para o atendimento de uma demanda das proximidades, aumentando a rentabilidade do setor. Os impactos disso, como podemos ver na Figura 1, são que várias pessoas precisam se deslocar de bairros distantes do centro como Farol de São Tomé, Ururai, Travessão, para realizarem operações simples como saques, depósitos e pagamento de contas, tendo em vista que estes locais não contam com a presença de agências bancárias e, por meio do panorama geral do setor bancário demonstrado, provavelmente não veremos uma expansão do setor para essas localidades.

Além disso, as respostas sobre a utilização do internet/mobile banking demonstram que o serviço ainda não é unânime na cidade, pois cerca de 47% das pessoas que responderam às questões não utilizam ou não conhecem o serviço.

Concluimos que é necessário repensar o modelo de atendimento bancário na cidade, pois a dificuldade de acesso aos bancos pode parecer algo banal, mas na verdade é algo de extrema importância, já que em uma sociedade financeirizada, em que até mesmo benefícios do governo são distribuídos através dos bancos, o acesso próximo aos bairros onde as pessoas residem deve ser visto como um direito e desse modo é papel do Estado e dos bancos estatais que ainda restam (Caixa e Banco do Brasil) pensar em possibilidades mais eficazes de atendimento.

O trabalho é de grande relevância para o debate acadêmico, especialmente quando pensamos em discussões sobre geografia econômica e urbana, por evidenciar questões pertinentes sobre a organização bancária em diferentes escalas espaciais, demonstrando que assistimos a um novo período de digitalização do setor e a inserção de novos atores (bancos digitais). Além disso, a pesquisa traz novas problemáticas necessárias para pensar a sociedade contemporânea, a saber: Como se dá o acesso aos serviços digitais oferecidos pelos bancos? Quais locais possuem ou não as estruturas técnicas necessárias para o funcionamento destes serviços? Quais classes sociais ou segmentos serão excluídos do acesso ao internet/mobile banking? Pensamos que pesquisas futuras sobre o setor bancário podem e devem partir dessas problemáticas com a finalidade de contribuir para o debate acadêmico e para a sociedade.

### **Agradecimentos**

Os autores agradecem à FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro pelo auxílio concedido para a realização da pesquisa, sob a forma de uma Bolsa de Iniciação Científica (processo E-26/200.455/2019).

### **Referências**

- [1] HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006.
- [2] CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- [3] CORRÊA, R. L. **CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA E CENTROS DE GESTÃO DOTERRITÓRIO: O CASO DO BRASIL**. II Encontro de geógrafos da América Latina. Montevideu - Uruguai, 1989. p 1-5.
- [4] SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. Versão digital em PDF. 94p.
- [5] VIDEIRA, Sandra Lúcia. **Globalização financeira: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil**. - Guarapuava: Unicentro, 2009. 334p.
- [6] BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Quantidade de agências no Brasil**. disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br/dataset/24887-quantidade-de-agencias-no-brasil>. Acesso em 25 Ago. 2020.